ANA PAULA DE SOUZA

BRINCAR E CONTAR, BRINCAR DE CONTAR

A importância do brincar para o contador de histórias

Artigo apresentado como trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação *lato sensu*, na Arte de Contar Histórias. Orientadora: Prof.ªM Leticia Liesenfeld.

Este artigo apresenta o brincar como possibilidade de treinamento físico, emocional e sensorial, permitindo a partir da brincadeira e do jogo conquistar um corpo mais sensível e preparado para transmitir as histórias, ampliando o repertório corporal, colaborando também na performance do contador de histórias.

Muitos pensamentos da educadora musical Lydia Hortélio permeiam este artigo, entre eles: *A cultura da criança é a cultura da alma. Os meninos têm a alma na frente.* Trazendo para o contador de histórias uma reflexão sobre como recuperar esse estado de " alma na frente" a partir do brincar.

Palavras-chave: Brincar. Ludicidade. Contador de Histórias.

Faculdade de Conchas – Polo A Casa Tombada

São Paulo

2018

Introdução

O brinquedo é um organismo vivo!

Lydia Hortélio

O brinquedo abordado neste artigo trata-se do próprio ato de brincar, de lançar-se livremente no desconhecido, se relacionando com o espaço e tudo que o cerca. Ou utilizando algum tipo de material ou objeto, que se transforma em brinquedo a partir da imaginação.

Muitos atributos acompanham a palavra brincar, e que o brincar traz inúmeras sensações de bem-estar a qualquer ser humano também é inegável. Neste artigo pretendo explorar um pouco a utilização do brincar e seus benefícios para o contador de histórias, pois quando entramos de corpo e alma em uma brincadeira, podemos transformar nosso estado emocional, aguçando também nossa criatividade, estimulando toda a espontaneidade do nosso ser, nos tornando cada vez mais presentes em todas as ações que realizamos.

O jogo, a brincadeira e a ludicidade caminham juntas, logo quando pensamos na palavra brincar, a associamos à criança ou relacionada a infância, e o jogar ao adulto, por conter um número maior de regras, porém a brincadeira ou o jogo carregam consigo o lúdico, e em épocas mais antigas não haviam distinções entre jogos infantis ou adultos, eles eram coletivos. O brincar ou o jogar mobilizam o ser humano por inteiro, seus pensamentos, suas emoções e seu corpo, na busca e no encontro consigo mesmo e com o outro.

Para o historiador e filósofo Huizinga o jogo é uma categoria primária da vida e essencial, ele escreveu o livro *Homu Ludens*, colocando o elemento lúdico como condição para o desenvolvimento e surgimento da civilização.

Huizinga declara que o jogo é uma atividade voluntária dentro de um certo limite de tempo e espaço, seguindo regras livremente consentidas, mas necessariamente obrigatórias, com um fim em si mesma, acompanhada de um sentimento de tensão e alegria e de um ser diferente na vida cotidiana.

A pausa para uma brincadeira seria como um corte na vida cotidiana. Assim como o contar histórias também pode ser a abertura de um outro espaço, um respirar profundo na correria do dia a dia, que abre caminhos para o novo, o diferente. Tanto o brincar pode trazer ao contador de histórias essa leveza, essa sensação de harmonia consigo mesmo,

como o próprio ato de contar histórias pode ser de certa maneira uma forma de brincar e de cavar espaços no decorrer da vida.

O brincar neste artigo está relacionado a uma prática que pode ser utilizada pelo contador de histórias como ferramenta de exploração de si mesmo, independente do público a quem se destinam as histórias, sejam crianças, jovens ou adultos.

> A palavra ludus, em latim e em outros idiomas, acumula dois significados: jogar e brincar. Podemos, assim, atribuir serenidade ao jogar somada a leveza do brincar sem infantilizar as atividades, nem exigindo dos participantes adultos que se tornem crianças por algumas horas. Os adultos como as crianças prestam-se ao jogo por prazer (Dartner, 2006, p.25).

Essa definição de Yvette Dartner sobre o lúdico representa e fortalece a colocação do brincar presente neste artigo. Os adultos precisam brincar não para voltarem a ser crianças, mas para se sensibilizarem.

É brincando também que podemos mostrar nossa criatividade, que mostramos um pouco da cultura que estamos inseridos.

O brincar talvez sofra algum preconceito, pois dentro de uma sociedade capitalista, o jogo pode ser associado a algo inútil, por não ter uma função econômica, e ser considerado algo oposto ao trabalho, que não é sério, por isso foi descartado por certo tempo na nossa história, mas depois retomado e estudado por muitos historiadores, antropólogos, psicólogos, e psiquiatras como um ato essencial ao ser humano.

No livro " O brincar e suas teorias", pesquisadores tratam do brincar como um fenômeno, e entre os diversos pensamentos acerca do tema, destaco alguns que considero de extrema importância para este trabalho: O brincar é uma atividade dotada de muitos significados, e o brincar pode até mesmo representar algo ou alguém, pois através do brincar deixamos transparecer quem realmente somos.

Lydia Hortélio declara que o brincar é a conexão de texto literário, com texto musical, ação, linguagem de movimentos específicas de cada brinquedo acrescentando a relação com o outro, é possível então associar e considerar que o brinquedo do contador de histórias pode ser o próprio ato de contar histórias, já que temos um texto literário comunicado através da oralidade, com certa musicalidade na entonação das palavras, e uma linguagem de movimentos específicas de cada história, já a autora Sanny S. da Rosa, em seu livro Brincar, Conhecer, Ensinar, nos traz um estudo sobre transitar entre a fantasia e a realidade, outro aspecto importante e presente no ato de contar histórias.

Relato Pessoal de Uma Criança que Não brincava

A cultura da criança é a cultura da alma. Os meninos têm a alma na frente. Depois é que ela vai pra dentro. Vai botando pano, papel, livro em cima.

Lydia Hortélio

Nasci em uma cidade grande, urbanizada e mecanizada. A casa que nasci e vivi por vinte e seis anos localizava-se em uma avenida bem movimentada. Pássaros cantando, risos de crianças brincando e correndo, eram substituídos por motores de carros, motos, caminhões, buzinas, freadas, e muito caos.

Não era possível brincar na rua, então na maioria das vezes brincava sozinha dentro de casa, e não me lembro exatamente do que, pois não ficou registrado em minha memória, apenas lembro-me que brincava com uma cachorrinha que logo morreu, e depois com quatro anos ganhei a minha primeira boneca e raramente alguma amiga da escola ou vizinha vinham em minha casa brincar, me acostumei com a solidão, por isso brincava com meus pensamentos, vivia sonhando acordada e com a cabeça pra lá do mundo da lua. Por isso sentia falta de brincar com o corpo todo, lançar-me no espaço, cair, levantar, pular, correr... Mas algumas vezes viajava para o interior de São Paulo com meus primos, a tia da minha mãe era caseira em um sítio, e quando íamos visita-la, me sentia muito feliz, me divertia muito. Era nesse lugar que brincava de verdade, e era muito bom brincar, lá eu me sentia viva, escorregava na grama com papelão, corria dos bois que insistiam em nos chifrar, era uma aventura danada fugir deles, e enroscar a roupa no arame farpado, era mágico deitar na grama e olhar para o céu azul bebê com nuvens branquinhas e inventar histórias, e lá o barulho era outro, era uma música orquestrada pela mãe natureza, besouros, vagalumes, sapos, bois, galos, e dá-lhe bicho nessa lista!

Quando visitava meus primos nas férias a alegria era imensa, na casa de alguns podíamos brincar na rua, nos quintais dos vizinhos, tomávamos banho de mangueira, enchíamos de água aquelas piscinas de plástico, brincávamos de todo tipo de brincadeira com bola, nesses momentos eu sentia que a vida acontecia de verdade.

É um pouco difícil explicar com palavras essa sensação de “alma na frente” que Lydia Hortélio nos apresenta, pois a mudança que o brincar proporciona em nosso ser é algo para sentir e receio apenas com palavras transmitir esse significado, mas tentarei.

Minha alma viveu até os quatorze anos mais para dentro do que para fora. Mas foi ainda na adolescência que comecei a estudar teatro, passei a maior parte da minha

juventude fazendo muitos cursos e oficinas, e no teatro brincávamos muito, brincadeiras populares para o treinamento corporal, aquecimento, e muitos jogos contribuíram para a minha formação, e me tornei atriz profissional no ano 2001, e com dezoito anos tirei o tão sonhado DRT, registro profissional de atriz. Trabalhei muitos anos como atriz, e como professora de teatro, e certa vez me aventurei a estudar teatro de rua, e foi no decorrer deste processo que comecei a experimentar as manifestações populares como treinamento para o trabalho do ator, e na época o espetáculo que estávamos pesquisando era uma mistura de contação de histórias com teatro, e comecei a perceber o quanto aquelas brincadeiras populares enriqueciam o meu trabalho de maneira tão natural e espontânea.

Meu corpo estava livre para se movimentar e criar, imagens e sensações eram transmitidas espontaneamente, organicamente, além dos cantos, ritmos populares que foram incorporados à apresentação, foram dois espetáculos de teatro de rua seguindo esta mesma pesquisa.

E durante este momento me deparei novamente com a arte de contar histórias, não sabia exatamente ainda o que era contar histórias, mas percebi que existia uma linha muito sutil que separava estas duas linguagens: Teatro e Contação de Histórias, mas no início pensava ser a mesma coisa, e na época escrevi um projeto para contar histórias em diversos espaços e o mesmo foi contemplado, por isso desde que comecei a contar histórias fui influenciada pelos jogos e brincadeiras populares, e minhas contações de histórias até hoje são permeadas por canções, ritmos e performances inspiradas em algumas manifestações populares. Passei a ser muito procurada para ministrar cursos de brincadeiras para professores, que buscam justamente se conhecer e reencontrar aquele corpo que um dia teve a sua “ alma na frente”.

Por isso, como disse Lydia Hortélio, acredito que para ser contador de histórias é preciso colocar a “ alma na frente”, e uma possibilidade de isto acontecer é brincando, pois com o passar dos anos parece que vamos nos enrijecendo, perdendo um pouco a sensibilidade, com as durezas da vida cotidiana e vamos nos distanciando de nós mesmos, dos nossos reais desejos, e da nossa vocação.

São Tomás de Aquino, no século VI, em sua suma teológica, já dizia que: “ A recreação re-cria as forças da alma”. (Dartner, p.2006, 23). Liberta a fantasia, a imaginação e a criatividade na criação de algo novo, de outras maneiras de ser e estar no mundo. São Tomás de Aquino também defende que precisamos desenvolver e libertar a característica lúdica do homem como componente da sua própria essência de ser.

Podemos utilizar o brincar como meio de pesquisa do nosso próprio ser, e foi desta forma que me reconheci como contadora de histórias, a partir do brincar. Brincar para me conhecer, para conhecer o outro, para me integrar com o espaço, para conhecer os meus limites e extrapola-los, para superar meus medos, ou conviver com eles, pois o medo é essencial para que a brincadeira se torne ainda mais emocionante.

Através da brincadeira podemos perceber e entender também o que é espontaneidade, o que é estar presente, ser inteiro e verdadeiro. E brincando fazemos parte de algo muito maior que o " eu", que é o " nós", o "espaço", o " todo". Contar histórias é um ato coletivo, e o ouvinte e o contador brincam juntos durante a história narrada.

A imagem colocar a "alma na frente" me faz lembrar também de quando éramos crianças e podíamos correr livremente, e nossa alma era naturalmente livre.

Acredito no brincar como uma maneira de se reconectar com nossa alma e com nossa essência, e essa prática pode proporcionar ao contador de histórias diversos benefícios.

A importância do brincar para o contador de histórias



A Criança Eterna acompanha-me sempre.
A direção do meu olhar é o seu dedo apontado.
O meu ouvido atento alegremente a todos os sons.
São as cócegas que ele me faz, brincando, nas orelhas.
Fernando Pessoa

Se brincar está muito associado a criança, vejo nessa abordagem algo extremamente positivo, acredito que nossa criança interior deva nos acompanhar sempre, e aos contadores de histórias ainda mais. Pois o olhar, o ouvir, e o sentir da criança estão abertos à descoberta, e com o brincar podemos aguçar nossa curiosidade, sensibilidade, e ficamos mais atento ao que nos cerca, brincar para contar histórias, ou brincar de contar histórias desperta nossa imaginação, nossa energia e máxima potência, nosso ser criativo. Tudo que um contador de histórias precisa para realizar seu ofício com a mais pura verdade e naturalidade.

Shiller completa essa reflexão com a seguinte colocação "O homem só é inteiro quando brinca, e é somente quando brinca que ele existe na completa acepção da palavra Homem". Friedrich Shiller

A brincadeira proporciona esse estado de plenitude do ser, e se nosso brinquedo enquanto contador de histórias é a própria história, é preciso estar pleno para dar vida as palavras, e faze-las saltarem do papel.

Mas brincar também pode ser muito difícil, pois é importante deixar que a brincadeira aconteça, e ao contador de histórias, que a história aconteça, com espontaneidade, sem se auto criticar, sem julgamentos, pois só assim a brincadeira de fato acontece.

É importante entrar na brincadeira sem criar expectativas, sem pensar em soluções prévias para os conflitos que possam surgir, pois a ansiedade pode tirar esse estado de plenitude e entrega do ser. Lydia Hortelio relata em sua entrevista ao site mapa do brincar da folha de São Paulo " Não pense em querer nada. Você está à toa na vida e, de repente, um gesto lhe chama e você se esquece de você, você entra no brinquedo. É um mistério".

Se entregar para o mistério é muito difícil, pois queremos sempre ter controle sobre tudo que vai acontecer, mas o controle pode nos impedir de sermos nós mesmos, é preciso se entregar para a brincadeira para ser verdadeiro.

Comparo ao momento que estamos narrando uma história, esse estado de " à toa", de desprendimento de si, de descanso, ocasião perfeita para se narrar histórias, pois de repente os gestos vão lhe tomando, vão surgindo no corpo, e deixamos que eles nos tomem, e nos entregamos inteiramente, entramos no brinquedo: a história.

E ainda por Lydia Hortelio : " Brincar é, para mim, o último reduto de espontaneidade que a humanidade tem. É a língua do ser humano".

Brincar com a palavra, transmiti-la com vivacidade e espontaneidade, só assim iremos contaminar o outro, o ouvinte para que faça parte da brincadeira.

Descrevi no depoimento " Relato de uma criança que não brincava" que mesmo com uma rotina difícil enquanto criança, o que mais marcou esta fase foram exatamente as poucas brincadeiras que vivenciei e as histórias que com elas vivi e outras que inventei.

> *Mas ser criança não é nada fácil, grande parte das dificuldades que enfrentamos como adultos na relação com o mundo e com os outros tem suas raízes fincadas naquele período remoto de nossa existência, marcado por muito sofrimento. Por isso mesmo, entre as boas recordações que guardamos da infância estão as brincadeiras e as histórias.(Rosa, 1998, p 14).*

A história, assim como o brincar, se encontram nesse lugar e nesse tempo preservados, e não contaminados pelas mazelas e sofrimentos que a vida trás. O contador de histórias precisa acessar esse lugar dentro de si, e uma boa alternativa é voltar a brincar, para se desprender e se deixar fluir.

É verdade também que, na condição de adultos responsáveis, somos mais constantemente solicitados a permanecer no campo da objetividade, da “ vida real”, da “lógica”, das “ obrigações”, o que nos faz ser, aos olhos das crianças, gente muito “ sem graça” (especialmente quando estamos sendo “ professores)!. (Rosa, 1998, p.19).

Não é nada bom ser sem graça enquanto contamos uma história, por essa razão, acredito ser necessário despertar um estado de encantamento, e esse encantamento está dentro de cada um de nós, a partir do brincar é possível transitar entre o mundo real e o mundo imaginário, mas é necessário acreditar para que se torne real, e se tratando de contar histórias, me parece fundamental acreditar na história, visualizar as imagens, brincar com a imaginação.

Ao ler o livro “ Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll pude encontrar e entender um exemplo bem concreto entre transitar entre o mundo lógico, real, e o mundo da fantasia. A história começa com Alice, uma criança, lendo um livro sem figuras e sem palavras, quando de repente um coelho branco vestido de terno, gravata e relógio aparece, e se inicia uma aventura, e Alice passa a realizar conexões entre o sonho e a realidade, ou seja, o mundo subjetivo e o mundo objetivo. Essa conexão com um mundo fantástico, com esse estado de sonho, acho possível ser encontrado também através do brincar, e considero de extrema importância aos contadores de histórias, para que possam adentrar outros mundos, descobrir novas possibilidades, novos rumos, novas experiências.

O contador de histórias também pode brincar de reinventar coisas, resinificar objetos, traçando uma ponte entre o mundo real com o mundo imaginativo.

É possível brincar com um pedaço de madeira, e esse pedaço de madeira pode se transformar em inúmeras coisas, como um carrinho, um avião, uma espada.

Por isso visualizo no mundo do contador de histórias, um mundo de possibilidades a partir do brincar, do transformar, do ser o que quiser, e o que vier ao corpo.

Há inúmeros contadores de histórias que brincam desta maneira, reinventando objetos, e esse é apenas mais um tipo de brincadeira dentro do universo do contador de histórias.

Brincar com as palavras, brincar para desenvolver, o brincar pode atingir diversos campos do nosso organismo.

Brincar, menos uma atividade determinada e mais como uma qualidade da relação que um indivíduo estabelece com os objetos do mundo externo. Abertura de um campo onde os aspectos da realidade externa para possibilitar uma experiência criativa com o conhecimento. Numa palavra é como atividade humana, e não estritamente cognitiva que o brincar nos interessa e ganha relevância. (Rosa, 1998, p. 20).

O brincar como preparação corporal

O contador de histórias utiliza seu corpo como veículo de transmissão de uma história, ele sente a história em todo o seu organismo, e através do brincar podemos preparar esse corpo, deixando-o ainda mais disponível e em estado de prontidão para receber essa história e externa-la, sem agressividade, de maneira muito natural.

O brincar pode acontecer de diversas maneiras, brincando com a natureza, sentindo-a, tocando os pés na grama e se energizando com a energia plena que vem da terra.

As brincadeiras são uma maneira de deixarmos nossos corpos livres para encontrarmos uma força maior, que nos integra com a força da natureza.

Mesmo as brincadeiras mais comuns, como o pular corda, o pega-pega, as brincadeiras com bola, as corridas, o saltar, são exercícios que auxiliam no condicionamento físico, e fazem circular energia em nossos corpos.

Uma simples e conhecida brincadeira de pular corda pode trazer inúmeros benefícios ao nosso corpo.

> Pular corda parece ser uma tarefa tão simples que desde criança aprendemos com certa facilidade. Devido a esta aparente simplicidade não percebemos os benefícios proporcionados por esse ato motor no desenvolvimento da coordenação da parte inferior do corpo, assim como no equilíbrio ou balanceamento corporal, e a grosso modo, na agilidade, no ritmo, na velocidade dos membros e na resistência muscular localizada (PITRELI; O'SHEA, 1989).

O pular corda em grupo envolve muito mais que saltar, envolve " entrar na corda", girar saltando, colocar a mão no chão, saltar com um pé só, saltar em dupla. É possível perceber o quão complexo é essa brincadeira, pois exige a coordenação dos membros inferiores, agilidade, ritmo, velocidade e resistência muscular, se adequando à um elemento externo que é a corda.

E mesmo pulando corda individualmente, o condicionamento que esta simples atividade proporciona ao nosso organismo é fundamental para que nos sintamos bem e preparados para utilizarmos nosso corpo no dia a dia.

Contar histórias é também um esforço físico, pois a atividade do contador de histórias compete narrar para pequenos e também grandes públicos, e expressamos essa história utilizando o corpo inteiro, desde o dedinho mindinho até o fio de cabelo, por isso é importante estarmos preparados, pois fatores como espaço físico, faixa etária do público

ouvinte e quantidade, influencia na quantidade de energia que precisaremos colocar, dosar, por isso é preciso ter consciência do equilíbrio e de como fazer isso sem perder a espontaneidade, pois esse é um trabalho anterior e de preparação do contador de histórias.

São inúmeras brincadeiras tradicionais presentes na infância, na escola, nas aulas de educação física, que podemos reviver e que podem nos trazer inúmeros benefícios, temos também em nossa cultura popular brasileira diversas manifestações populares brasileiras que envolvem o corpo, a dança e as histórias.

As manifestações populares são de uma riqueza artística, cultural, e humana, e são inúmeras em todas as regiões do Brasil, se pararmos para conhecer algumas delas, certamente será uma enorme contribuição ao trabalho de qualquer artista, pois elas envolvem ritmos, sons, cantos, movimentações e expressões corporais diversas, além do visual, dos aromas, cores e texturas, que também podem acrescentar na performance do contador de histórias.

Vivenciei um pouco algumas dessas manifestações, que também são chamadas de brincadeiras, e os seus participantes de brincantes.

Algumas delas contribuíram imensamente para a conquista de um maior repertório corporal, serviram também de treinamento físico e os movimentos descobertos naturalmente fizeram parte da composição de muitas histórias que narrei. Segundo definição do Instituto Brincante: " Brincante é o modo como os artistas populares se autodenominam: ao realizar um espetáculo, eles dizem que vão "brincar""(Instituto Brincante[1]).

E se aplicarmos essa denominação do artista brincante ao contador de histórias, podemos considerar mais uma vez que contar história pode ser uma grande brincadeira, que exige entrega e disposição.

E foi no Instituto Brincante que tive contato com algumas dessas manifestações populares, e cito abaixo algumas delas que contribuíram imensamente na minha preparação e formação. Entre elas estão o " Cavalo Marinho **",** uma brincadeira composta de música, canto, dança e ação dramática que acontece em alguns Estados do Brasil, mais

---

1

O Instituto Brincante é um espaço de conhecimento, assimilação e recriação das inúmeras manifestações artísticas do país, que celebra a riqueza da cultura nacional e a importância da sua diversidade. Tem como foco a pesquisa e reelaboração da cultura brasileira. Novos valores, novas maneiras de construir saberes e proporcionar ao indivíduo um outro modo de pensar as relações na sociedade contemporânea.

intensamente em Pernambuco e na Paraíba, a partir desta brincadeira utilizei a dança como treinamento físico e incorporei alguns trupés (passos) ao meu repertório corporal.

Os pesquisadores de Cavalo Marinho Alicio do Amaral Mello Júnior e Juliana Teles Pardo, definem a dança do Cavalo Marinho da seguinte maneira:

> A brincadeira do cavalo marinho é dançada do começo ao fim da festa, usando uma variedade de passos, chamados de trupés, que se caracterizam por uma pisada forte percutida no chão. São eles os Trupés Soltos; os Trupés do Mergulhão; o Trupés de Figuras e uma série de trupés dançados na representação do Mestre e Galantes, resultando em maravilhosas sequencias coreográficas; e ainda um coco de roda como despedida.

Durante a composição de algumas histórias, como expressão corporal de alguns personagens, utilizei trupés soltos e trupés de mergulhão, que caracterizaram a personagem, ou realizam as passagens de uma ação para outra. Exemplificando, na história *" A Árvore Generosa" de* Shel Silverstein, sempre que o menino retira algo da árvore, eu faço um passo do mergulhão, que para mim representa o menino arrancando da árvore aquilo que ele quer e indo embora.

O coco de roda que também envolve dança, canto e música, com as batidas dos pés no chão, os versos entoados, o ritmo marcado pela percussão, de maneira muito descontraída podemos brincar, nos preparar, e até preparar o público utilizando essa manifestação popular antes de uma contação de histórias.

> O Coco é dançado no Maranhão, Pernambuco, Alagoas e outros estados brasileiros, com variações rítmicas e coreográficas. No Maranhão, o coco é dançado por grandes grupos nos festejos juninos e surge como canto ligado ao ofício de abrir e quebrar coco. A batida forte e cadenciada dos pés no chão é potencializada pelo uso de tamancos de madeira. Assim, enquanto dançam, pulsantes e enérgicos, os brincantes acentuam a pisada compassada com o ritmo, contribuindo para a formação musical (Grupo Cupuaçu).

Dentro dos cursos de formação que ministro de brincadeiras, e muitas vezes para abrir uma contação de histórias, utilizei o coco para criar versos sobre a história e convidar o público a cantar, e entrar na brincadeira, fazendo o ritmo com as palmas das mãos, lembrando a batida e marcação dos pés.

Utilizo muito também as brincadeiras cantadas como preparação vocal e como aquecimento da plateia, assim como o coco de roda, trata-se de uma música para ser brincada, o que quer dizer, uma música com o corpo, que vive na inter-relação de palavra, música, movimento e o outro.

A brincadeira seja ela cantada, ou simplesmente brincada, se torna um estímulo emocional, um estímulo criativo, e além de tudo pode ser utilizada como um estilo performático.

Considerações finais

Em cada um de nós uma criança espera.

Lydia Hortélio

A minha pesquisa e o meu desejo foi tentar apresentar o brincar ao contador de histórias, como um meio, um mecanismo de se redescobrir e de conquistar uma qualidade de ser e estar no mundo, pois foi dessa forma que o brincar colaborou às minhas práticas e pesquisas enquanto contadora de histórias.

Nas inúmeras rodas de brincadeiras que participei, que cantei, que dancei, que me expus, e que me trouxeram uma outra emoção, um estado de presença, que procuro preservar, e deixar em algum canto do meu ser, para que eu possa sempre que vou contar uma história, acessar essas memórias, e retornar a esse estado de alma na frente.

Além do estado de alegria, pois ninguém brinca para ser infeliz, é claro que nas histórias que narramos e na nossa própria história, existem alegrias e tristezas, mas me refiro a vontade de compartilhar e de estar entre outras pessoas, que para mim vem do sentimento da alegria, ouvi uma vez que contar uma história é dar um presente, pois quero dar esse presente com toda a alegria do meu coração e o farei com o maior entusiasmo.

Apresentei o brincar também como preparação corporal, pois brincar exige de nós energia e entrega, quando dançamos, quando cantamos e dançamos, ou quando corremos, ou simplesmente quando imaginamos, essas ações envolvem um grande esforço físico e se realizarmos com certa frequência, certamente estaremos treinando nosso corpo e nos preparando para tudo que iremos realizar em nossa trajetória.

Acredito realmente que a brincadeira provoca essa mudança de estado emocional, e até mesmo dentro das próprias contações de histórias que realizo, sempre antes de começar a contar histórias faço algum tipo de brincadeira com o público, não para que ele se disperse, ao contrário, mas para que ele se entregue a um outro momento de maneira natural, e possa acessar um outro estado emocional e se abrir para o lúdico. Pois a ludicidade não tem a ver com infantilidade e sim com algo interior, com um

estado criativo interno. Mas entendo que isso também é muito individual, cada um pode reagir de uma maneira, o que também é natural, porém, os resultados que tenho obtido no decorrer de todos esses anos brincando e contando histórias é muito mais positivo, como relatado no decorrer do artigo.

O contato que tive com algumas manifestações populares também acrescentaram inúmeros benefícios, assim como o próprio brincar, contribuíram para uma enorme conquista de repertório corporal, pois o corpo que habitamos é capaz de produzir diversos movimentos, gestos, que são concebidos a partir de uma energia que vem de dentro do nosso ser, e não de cópias, clichês, de gestos vazios, e de reprodução.

A partir do brincar podemos acessar memórias esquecidas para mergulharmos em um tempo preservado, um tempo em que o lúdico, a espontaneidade e a verdade de cada um, estão presentes, buscando se relacionar e se envolver com tudo que o cerca de maneira natural.

Rememorando nossa infância, nossos ganhos e perdas no decorrer de nossa trajetória humana, o que perdemos e o que podemos ganhar brincando mais.

É de uma enorme sutileza as conquistas que o brincar pode nos trazer, e cabe a cada um encontrar o que para si faz sentido.

Foram levantados pensamentos, reflexões acerca do brincar e do lúdico, e de que maneira isso pode contribuir para o ofício do contador de histórias, sensibilizando e tornando-o cada vez mais presente e verdadeiro em suas ações, e no seu trabalho com o corpo, podendo colaborar também em sua performance.

A expressão " alma na frente" descrita por Lydia Hortélio ganhou muita relevância no decorrer da escrita, por trazer inúmeras imagens e sensações, como a " cultura da criança é a cultura da alma, depois é que ela vai pra dentro", pois com o passar dos anos, a tendência é nos tornarmos mais fechados, e vamos nos escondendo, nos tornando seres preocupados, e mais angustiados, e pouco flexíveis, seja no corpo mais endurecido ou no comportamento menos aberto. E também quando São Tomás de Aquino associa o brincar com a alma: " A recreação re-cria as forças da alma", a palavra alma se conecta novamente com o brincar, em ambos os casos entendo a palavra alma como um estado de liberdade do ser, tornando a alma livre, tal vez uma qualidade fundamental presente no brincar, dar voz a essa alma, e considero essa sensação muito importante na contação de histórias.

Que o brincar seja para o contador de histórias, uma maneira de se fortalecer e fortalecer suas relações com o mundo, que seja uma experiência criativa e de autoconhecimento.

Referências Bibliográficas

ROSA, SANNY S. DA. Brincar, conhecer, ensinar. 3ªEdição. Cortez, 2002.

MAPA DO BRINCAR – FOLHA DE SÃO PAULO. **Entrevista com Lydia Hortélio.** Disponível em **http://mapadobrincar.folha.com.br/mestres/lydiahortelio/.** Acesso em 27/12/2017.

DATNER YVETTE. Jogos para educação empresaria. Jogos, jogo dramáticos, role-playing, jogos de empresa. 3ªEdição. Editora Ágora, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Tese: A roda do mundo gira, um olhar etnocenológico sobre a brincadeira do cavalo marinho estrela de ouro (condado – pernambuco).** Disponível em: ttps://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9609/1/EricoComSeg.pdf . Acesso em 27/12/2017.

2º CONEDU – CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Estudo - O lúdico em clássicos da filosofia: uma análise em platão, aristóteles e rousseau.** Disponível em http://coral.ufsm.br/righi/EPE/TRABALHO_EV045_MD1_SA6_ID6556_16082015154402.pdf . Acesso em 03/02/2017.

REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL UNESP - Estudo - Padrão de coordenação do pular corda: um estudo desenvolvimental. Disponível em https://repositorio.unesp.br/handle/11449/87384. Acesso em 26/12/2017.

ADRIANA FRIEDMANN. **A importância de Brincar.** Jornal Diário do Grande ABC. Disponível em http://www.avisala.org.br/wp-content/uploads/2015/11/Di%C3%A1rio-na-Escola-A-import%C3%A2ncia-de-brincar.pdf . Acesso em 31/01/2018.

PESSOA, FERNANDO. O Guardador de Rebanhos e Outros Poemas. Disponível em https://books.google.com.br/. Acesso em 09/03/2018.

Instituto Brincante. Disponível em http://www.institutobrincante.org.br/. Acesso em 13/02/2018.

Grupo Cupuaçu. Disponível em http://xn--grupocupuau-v9a.org.br/coco-de-roda/. Acesso em 02/03/2018.

O brincar e suas teorias. Disponível em https://books.google.com.br/books?id=iK3UejO34YYC&pg=PA11&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=3#v=onepage&q=brincar%20%C3%A9%20uma%20entidade%20dotada%20de%20significados&f=false. Acesso em 28/02/2018.